

UnB e Educar atacam analfabetismo em favela

A Fundação Educar e a UnB firmaram ontem convênio para formação de alfabetizadores de jovens e adultos na Vila Paranoá. O convênio, assinado pela presidente da Fundação, Lêda Tajra, e pelo reitor Cristóvam Buarque, servirá para ampliar um projeto desenvolvido há dois anos pela UnB. O acordo permitirá a formação de 16 monitores (oito monitores e oito auxiliares pedagógicos), capacitando-os a alfabetizar outras pessoas residentes na invasão.

O projeto é inovador porque possibilitará aos moradores conseguir autonomia em uma área educacional. Inicialmente serão formadas oito turmas, cada uma com média de 15 alunos para alfabetização. Em cada turma o ensino será ministrado por um monitor e um auxiliar que receberão remuneração mensal de um salário mínimo. Os monitores são pessoas já selecionadas pela universidade.

Ao final do curso, os oito auxiliares estarão capacitados a atuar como monitores. O convênio tem duração de 10 meses e quando o prazo expirar o projeto será avaliado. Em caso de avaliação positiva, o programa prosseguirá com o auxílio da Fundação Educar. Haverá então formação de novas turmas e sele-



Cristóvam Buarque

ção de outros auxiliares pedagógicos que, na prática diária do ensino, receberão treinamento para atuarem como monitores.

A Fundação Educar receberá o repasse de Cz\$ 2 milhões 566 mil para o desenvolvimento do projeto, além de assessoria técnica e orientação quanto ao emprego dos recursos. A UnB entra com alunos e professores que acompanharão o programa. Atualmente, dois alunos da Faculdade de Educação da universidade já orientam o trabalho de monitores e auxiliares.

Segundo a coordenadora adjunta da Fundação Educar em Brasília, Deusdedit

Jardim da Silva, a idéia é que o projeto de alfabetização seja um instrumento de conscientização da comunidade. Para o reitor Cristóvam Buarque, através do programa à UnB procura cumprir sua obrigação de auxiliar a população e superar dificuldades. A coordenadora do projeto na UnB é a professora da Faculdade de Educação, Maria Alice Pi-tanguary.

De acordo com ela, a universidade, com o apoio da Fundação Educar, "busca apenas assessorar a comunidade do Paranoá". Espera-se que o programa se amplie até que os próprios moradores tenham condições de criar uma escola comunitária para alfabetização de adultos e jovens.

Maria Alice estima que 50 por cento da população da Vila Paranoá são analfabetos. Os números exatos do índice de analfabetismo na invasão serão conhecidos até o final do ano, quando ficará pronto um censo domiciliar que alunos da Faculdade de Educação estão realizando nos finais de semana na favela. A professora espera que o projeto conjunto da UnB e Fundação Educar seja "a forma de erradicar ou pelo menos reduzir significativamente o analfabetismo na favela".